

O jogo sucessório está mais claro

A notícia de que o presidente João Figueiredo retornará a Brasília nesta semana foi suficiente para aliviar da rigorosa tensão a que estavam submetidos os principais líderes do partido do governo. O Senador Jarbas Passarinho, que tem boa parte de seu cacife eleitoral depositado na confiança do presidente da República, imediatamente lembrou a possibilidade de o chefe de governo participar da campanha de 1982.

A notícia do retorno breve do presidente as suas funções é alvissareira porque demonstra que os males cardíacos que o afligiam não eram tão graves como se chegou a supor. No período que esteve afastado do governo, o general Figueiredo terá tido oportunidade de refletir sobre os problemas nacionais, o encaminhamento a dar a eles, ao mesmo tempo em que procurou repouso necessário a quem está enfartado e, sobretudo, a quem precisa libertar-se do círculo de tensões intrínsecas ao exercício do poder.

O vice-presidente Aureliano Chaves, por seu turno, mostrou invulgar competência no exercício discreto de sua obrigação. Tão discreto que recolheu-se a Três Pontas para, longe de olhos e ouvidos indiscretos, aguardar notícias sobre o exame a que o presidente Figueiredo se submeteria em Cleveland. Conhecido o resultado do exame, Aureliano Chaves decidiu permanecer por mais um dia no interior de Minas Gerais, de onde, aliás, só deverá retornar no dia de hoje.

Este sutil jogo do poder esteve evidenciado nos dias em que o presidente Figueiredo afastou-se do poder. A previsão é de que ele retorne as suas atividades no início de novembro. Mas o espaço compreendido entre seu retorno e o reinício das atividades palacianas será apenas de mais um descanso, natural a quem passou pelo grande susto do enfarte.

A questão política e a competição pelo poder tornou-se mais clara nos últimos dias. O ex-chefe da Casa Civil, Golbery do Couto e Silva no exercício da política no banco do qual é diretor pretende influir na sucessão presidencial, utilizando uma larga experiência em fazer presidentes da República. As manobras sucessórias foram uma constante na vida de Golbery do Couto e Silva que se transformou em especialista no assunto.

Depoimentos de pessoas que conversaram com o ex-ministro indicam que há três nomes, pelo menos três nomes, nas hipóteses sucessórias trabalhadas pelo amigo do ex-presidente Ernesto Geisel. Eles seriam o General Costa Cavalcanti, presidente da Itaipu binacional, Aureliano Chaves, vice-Presidente da República e não é impossível que o governador Paulo Maluf venha a ter algumas fichas neste jogo. Na realidade, o grupo palaciano hoje é substancialmente diferente daquele que trabalhou junto no governo Geisel e as articulações do ex-ministro demonstram o nível que a controvérsia atingiu.

No outro ponto desta complexa articulação político-partidária, existe o nome do Ministro Octávio Medeiros, chefe do Serviço Nacional de Informações que não deixou de estar ao lado do presidente Figueiredo em quaisquer dos momentos possíveis ao longo de seu périplo pelos hospitais e casa de saúde. Medeiros é candidato daquilo que em outros tempos convencionou-se chamar de sistema e seus auxiliares acalentam a idéia com muito carinho.

A história das sucessões dentro do regime militar criado em 1964 demonstram que o momento de substituição do presidente da República é, normalmente, a ocasião de crise. Aconteceu assim na substituição de Castello Branco, no impedimento de Costa e Silva, nas ascensão da Junta Militar, na substituição da Junta Militar e na escolha do atual presidente, General João Figueiredo que teve o privilégio de ter contra si um general de Exército, Euler Bentes Monteiro, candidato pelo MDB.

A história recente autoriza a versão de que, ao contrário do que dizem os porta-vozes oficiais, as sucessões nunca são pacíficas, nem em relação a elas as Forças Armadas movimentam-se de maneira unânime ou indivisível. A sucessão de 1984 já começa a mexer nas profundas do governo e foi a certeza de que o grupo palaciano tomava outro rumo que retirou Golbery do Couto e Silva de seu confortável gabinete no Palácio do Planalto.

É muito cedo para fazer previsões, arriscar vencedores nesta luta política que hoje desenha-se com nitidez. O presidente da Itaipu binacional tem procurado manter-se no noticiário e em 1983 vai inaugurar a maior hidrelétrica do mundo. O vice-presidente Aureliano Chaves mostrou uma impossível paciência no coordenar de seu governo interino. Maluf pretende ir ao Japão mesmo de cadeira de rodas. Enquanto isto, por motivos que somente ele conhece o Ministro Octávio Medeiros não saiu das proximidades do presidente João Figueiredo nas últimas semanas.

Tudo isto fica mais claro se colocado na moldura da sucessão presidencial. É neste caminho que todos os pólos de poder estão trabalhando e muitas jogadas sutis e maliciosas vão aparecer naquele teatro muito especial da política brasileira.